

— Não imaginei que minha última refeição seria fast food. — Pra ser sincero, eu planejava morrer depois de uma boa comilança, velho e satisfeito. Mas olha só no que deu. A garota de Letlín perguntou: — Chefe, como você sabia que ia morrer hoje? Tá pensando em se matar depois de encher a pança? Taylor resmungou: — Foi só uma expressão, sua exagerada! Minha aposentadoria ia ser feliz, e você aí fazendo parecer um pesadelo. Ele deu uma risada amarga, mas lembrou que, comparado a ser esmagado por um demônio nojento, sua situação atual até que não era tão ruim. Pelo menos os fanáticos de Khorne não iam transformá-lo em zumbi. Só enfiar a cabeça dele num espeto como enfeite... Ou será que não ia ser melhor assim? Esses caras não respeitam nem os mortos? Mas agora Taylor sabia que cada minuto de vida era um presente do Imperador. E ele já devia demais. Vendo as opções se esgotarem, ele falou com gravidade no comunicador: — Preparem-se. É tudo ou nada. — Código da operação: TUDO OU NADA! — FOGO! Os tanques Lemman Russ pararam de repente, enquanto os veículos Chimera ao lado giraram bruscamente. Nas trincheiras, soldados empunhando baionetas começaram a avançar, com Franstan liderando a carga. Esse tipo de ataque não era para qualquer soldado da Guarda Imperial. Não só exigia coragem, mas desafiar Astartes era praticamente suicídio. Kossolax, irritado, esbravejou contra o comandante dos Death Guard: — A covardia de vocês encorajou esses cachorros! Quando sentem nosso sangue, percebem que também podemos morrer. Ele agarrou o respirador do líder dos Death Guard, levantando-o com uma só mão: — Perdi para os lealistas antes, e fui punido sendo enviado pra ajudar vocês, seus fracotes. — Virei o cachorro de Abaddon. Esse é o preço da derrota, entendeu? — Se a Frota da Peste perder aqui, os outros vão nos devorar. Os Filhos do Imperador ainda cobiçam o que é seu, e Fabius não tem piedade. — E a frota de reforço de Macragge está se aproximando de Cadia. Quem você acha que vai liderar a defesa? O Death Guard tremeu de medo: — Os Ultramarines? Aquela legião numerosa e vitoriosa... Será o Calgar ou... Kossolax respondeu em silêncio: — O Segundo Capitão. Imediatamente, o oficial dos Death Guard gritou, revigorado: — Esmagem esses humanos! Ou enfrentaremos Sicarius! O nome pareceu injetar ânimo nos Astartes do Caos, como se tivesse algum poder oculto. Em segundos, o campo de batalha se tornou um inferno de tiros de bolter e raios laser, combates entre motosserras e baionetas — uma competição totalmente desigual. Kossolax, porém, tinha um alvo: Franstan. Ele o encontrara. Por fora, sua derrota em Armageddon parecia culpa dos Ultramarines, mas ele sabia a verdade. Aquele homem era o responsável. E agora era hora da vingança. Taylor também o avistou. — Que chato, grudou no meu traseiro... — resmungou, franzindo a testa. Astartes do Caos em promoção... Será que a Cruzada Negra está chegando? Fortalezas Negras... Abaddon... O Olho do Terror... Sua cabeça latejou de dor, mas isso não importava agora. Ele precisava sobreviver. — Rifles de melta, prontos! — ele gaguejou, nervoso. — É nossa única chance contra ele. — Acerte-o com tudo! Eu... eu vou distraí-lo! Apesar da fala corajosa, sua voz trêmula não inspirava confiança. Taylor não era feito para situações assim. Quando saiu da proteção de Franstan, suas pernas ameaçavam ceder. Ele já sabia: não passaria do dia. Kossolax investiu contra ele, mas os remédios no corpo de Taylor escolheram aquele momento para falhar. Seu corpo desabou na lama imunda, fazendo o golpe do Campeão de Khorne errar por pouco. Afinal, o campeão sentia a vontade de lutar do inimigo. E Taylor transbordava determinação... só que, na realidade, ele simplesmente não conseguia ficar em pé. Kossolax riu: — Belo blefe, humano. Você é o mais forte que já conheci. Mas acabou. A motosserra se ergueu. Taylor fechou os olhos. Mas o golpe nunca veio. Um som metálico ecoou, e uma espada de poder prateada bloqueou o caminho. — Recue, mortal. A voz era robótica, sem emoção. Taylor olhou espantado para o gigante prateado. — E a Letlín? — perguntou, desconfiado. — Cumpriu seu dever. Taylor engoliu seco e ordenou: — Todos nos veículos! Retirada imediata! Deixem os Astartes e as Sisters cuidarem disso... — Mas... vocês estão em desvantagem, né? O Cavaleiro Cinzento não respondeu. Era confirmação suficiente de que aquela seria sua batalha final. Taylor suspirou. Ele só ganhara um pouco mais de tempo. Capítulo 114: A Santa Viva, Parte 3 De volta à área da pirâmide, Taylor viu que a invasão demoníaca havia recuado e começou a planejar as defesas. — E os Astartes e as Sisters que ficaram? — perguntou. Um soldado com o comunicador respondeu: — Mal. Eles estão recuando. — Em pequenos combates, até ganham, mas contra tantos hereges... e depois de horas lutando contra

demônios, o cansaço os derrota. Agora só conseguem bater em retirada. Taylor apertou as têmporas. — Nossos tanques estão acabando, mas ainda temos mísseis antitanque. Preparem barricadas e posicionem-nos. — Lembrem-se: atrás de nós estão os corpos das Sisters que deram suas vidas por este mundo. Não podemos deixar o Caos profaná-las. Taylor ficou surpreso ao ouvir as próprias palavras de lealdade, resmungando baixinho se não tinha enlouquecido. Se abandonasse a luta agora, certamente sobreviveria. Talvez, com o tempo, tivesse sido contaminado pela estupidez típica dos cidadãos do Império. Claro, isso não significava que quisesse ou pudesse aceitar o sacrifício. Sua sorte vinha daquele templo herege complexo — se conseguissem aproveitar aquela estrutura, talvez ganhassem uma fortaleza. Adaptar-se ao terreno era seu estilo de combate, e isso o mantinha sempre em movimento. Mas hoje parecia não haver para onde correr... A situação agora era pior do que quando enfrentaram o titã. Taylor tomou um gole de café para afastar o cansaço. Batalhas ininterruptas testavam o limite dos soldados — muitos já caíam de sono, mas o tempo não parava. Depois de equipar aquela enorme pirâmide com mísseis e armamentos, as paredes brancas e resistentes de gesso se tornaram bons pontos de defesa. Taylor suspeitava que o material fosse osso-espírito dos eldars. Ou seja, aquela pirâmide poderia ser um portal para a teia cósmica? Os hereges a danificaram, criando uma fenda no subespaço? Isso explicaria por que o vácuo se partiu sem grandes rituais de sacrifício. Afinal, a barreira entre realidade e ilusão era sólida — apenas os antigos C'tan e os lendários Antigos podiam rompê-la sem custo. Parecia que o azar de Taylor era lendário. Dificilmente haveria outro lugar na galáxia como aquele. Mas logo um tumulto cortou seus pensamentos. Os Cavaleiros Cinzentos e as irmãs de batalha recuavam, suas armaduras rachadas, e faltava um entre eles. Eles também morriam? Para o Império, a perda de um Cavaleiro valia mais que todos os outros danos da guerra... Taylor ergueu a arma e atirou nos inimigos que os perseguiram. — Fogo! Uma tempestade de projéteis, mísseis, plasma, lasers, e até mesmo flechas e pedras explodiram da pirâmide. O campeão do Caos, Corsolax, sentiu uma familiaridade e ordenou que seus irmãos se protegessem. Em segundos, a cena de Armageddon se repetia. Ele chamou seu feiticeiro. — Aminó Clá, meu feiticeiro! Um guerreiro escarlata avançou, com pregos de açougueiro mal feitos na cabeça. Um feiticeiro entre os Devoradores de Mundos era uma aberração genética. Segurando um machado ensanguentado, ele irradiava a aura de Khorne. Mas, em vez de um Devorador, parecia mais um Filho de Magnus — runas de "Paz" e "Meditação" penduradas no corpo, como um estrangeiro usando placas com kanjis aleatórios achando que era profundo. Ridículo para quem conhecia a cultura, mas nada disso impedia seus poderes psíquicos brutais. Um escudo estranho surgiu, enquanto marines caóticos com jatos o seguravam pelos braços. Era uma tática tão absurda quanto as dos orks. Pura lógica "se eu acreditar, funciona". Corsolax havia aprendido em Armageddon que confiar apenas na força era inútil. O inesperado traria a vitória — e seu plano agora era brilhante. Ele era um estrategista, um conspirador. Talvez devesse ter nascido um Filho de Magnus ou um Senhor da Noite... Enquanto pensava, o plano já estava em ação. Uma labareda cortou o céu, e os disparos do Império fracassaram contra o escudo psíquico. Taylor olhou para o vulto. — O que é aquilo? Um pássaro? Uma nave? Não. Era um Astartes. Ao ver um Bibliotecário voando, sua mente quase derreteu. Até os Cavaleiros Cinzentos pareciam chocados com aquela cena de "se acreditar, dá certo". — Isso é contagioso agora? Corsolax devia ter lutado contra orks demais. Taylor gritou: — Derrubem aquela... coisa voadora! Disparou, e os Cavaleiros ergueram seus cajados, descarregando relâmpagos psíquicos contra o escudo. O feiticeiro aliado quase cedia — seu poder era inferior ao dos Cavaleiros. Mas as coisas não eram tão simples. Quando uma energia vermelha fortaleceu o escudo do nada, o líder dos Cavaleiros gritou furioso: — Acabou. — É um truque dos Deuses! Khorne havia abençoado seu servo. E o feiticeiro chegou ao selo que as irmãs tanto protegeram.